70 ANOS DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS: PERSPECTIVAS CRÍTICAS

– ENTREVISTA COM JOSÉ J. QUEIROZ

RESUMO

Professor emérito da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e um dos nomes mais celebrados no campo da pós-graduação em “Ciência da Religião”, José J. Queiroz foi também um militante contumaz na luta pelos Direitos Humanos no Brasil. Sua trajetória docente, religiosa, militante e de vida constitui-se numa constelação de ações marcantes e inspiradoras na seara da valorização da vida humana e do respeito à diversidade em todos os seus matizes. Em especial, sua trajetória profissional relacionada à defesa dos direitos humanos, às vicissitudes desses direitos no mundo atual e à importância da educação para que os direitos humanos sejam entendidos, respeitados e praticados é hoje uma trilha a ser estudada e melhor conhecida por quem atua também nessa mesma senda humanista. Ao lado de outros líderes também devotados à luta pelos direitos dos seres humanos, como o também celebrado religioso Dom Paulo Evaristo Arns, José J. Queiroz dedicou-se ainda a refletir e a escrever sobre o contemporâneo – seus símbolos, sua complexidade e idiossincrasias. Doutor em Direito Canônico pela *Pontificia Studiorum Universitas A. S. Thoma Aq. in Urbe*, mestre em Teologia e graduado em Direito e Filosofia, a produção teórica de José J. Queiroz aborda, ainda, e como não poderia deixar de ser, a ética – ou a falta dela – no contemporâneo. Seus livros “A Ética no Mundo de Hoje”, “A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base” e “A Religiosidade do Povo” – todos publicados pelas Edições Paulinas – são hoje, entre outros livros de sua autoria, leitura obrigatória a todos os que, ocupados e preocupados com a educação popular e com a educação para os Direitos Humanos, dedicam-se a conhecer com mais profundidade essa importante temática. Nesta entrevista que ora se apresenta ao leitor, José J. Queiroz nos expõe um pouco mais de perto o que pensa acerca do contemporâneo e sobre o respeito ao Direitos Humanos no Brasil e no mundo, à medida que – também – nos instiga e nos anima a seguir lutando sempre por eles e por aqueles que, na contemporaneidade, deles mais necessitam – os oprimidos.

ADELINO FRANCISCO DE OLIVEIRA

ALEXANDRE MAURO BRAGION

IMPULSO – Fale um pouco sobre sua formação e trajetória acadêmica.

Nasci em Salto Grande/SP, em 1932. Cursei o Ensino Médio (ginásio e colegial) no Seminário Dominicano Santa Catarina de Sena, em Santa Cruz do Rio Pardo (interior de São Paulo) e minha formação superior em filosofia e teologia se deu na Universidade dos Dominicanos em Bolonha (Itália), de 1958 a 1966. Naquele período, debruicei-me sobre a História da Filosofia, aprofundei-me na Filosofia Tomista, e terminei com uma dissertação de conclusão de curso para a obtenção do título de professor (Lector) que versava sobre *La causalità strumentale e l'ispirazione bíblica secondo San Tommaso D'Aquino*. Meu doutorado se realizou em Roma na Universidade Santo Tomás de Aquino (Angelicum) de 1956 a 1960, onde defendi a tese *De Iurisdictione ad Confessiones audiendas in Iure Ordinis Praedicatorum* (no período de 1216 a 1566). No Brasil, lecionei filosofia na Universidade Franciscana de São Paulo e Teologia e Direito Canônico na Faculdade Dominicana de São Paulo. Hoje, sou Professor Emérito da Universidade Católica de São Paulo atuando na pós-graduação em Ciência da Religião.

IMPULSO – Qual a relevância dos Direitos Humanos para o contemporâneo?

Os Direitos Humanos e sua Declaração de 1948, adotada pelas Nações Unidas, constituem em todos os seus parágrafos, um ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações em todas as épocas. A Declaração foi emanada considerando que o desconhecimento e o desprezo dos direitos do homem conduziram a atos de barbárie que revoltam a consciência da humanidade e também que o advento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer libertos do terror e da miséria, foi proclamado como a mais alta inspiração do homem. Também motivou a Declaração a consideração de que é essencial a proteção dos direitos do homem por meio de um regime de direito para que o homem não seja compelido a um supremo recurso à revolta contra a tirania e a

opressão. Os autores da declaração julgaram essencial encorajar o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações.

IMPULSO – Como o senhor compreende seu vínculo e militância no campo dos Direitos Humanos?

Compreendo meu vínculo e militância no campo dos Direitos Humanos como um serviço irrecusável de um professor altamente graduado visando especialmente os mais pobres e desfavorecidos. Ao longo de minha vida, sempre procurei atuar em prol da construção de uma sociedade edificada a partir do direito e da justiça. Isso inclui a defesa intransigente dos Direitos Humanos, a partir de uma opção preferencial pelos mais pobres.

IMPULSO – No contexto da ditadura militar, como assumiu a defesa dos Direitos Humanos?

No contexto da ditadura militar, assumi a defesa dos direitos humanos integrando, como assessor, a Comissão Justiça e Paz de São Paulo nos anos em que Dom Paulo Evaristo Arns exerceu a função de Arcebispo de São Paulo. Lembro-me que eu ia para as comunidades da periferia de São Paulo portando a Bíblia e a CLT. Naquele contexto, a leitura libertadora da Bíblia, a formação política e o conhecimento dos direitos já eram uma atitude compreendida como subversiva. Mas nós éramos destemidos, em um tempo duro, de autoritarismo. Nossa ação não deixou de ser fundamental para o avanço do processo de redemocratização.

IMPULSO – Em sua trajetória de defesa aos direitos humanos, o senhor passou por algum tipo de perseguição?

Pessoalmente, nunca fui perseguido, mas sofri como membro da Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese todas as perseguições e calúnias que o governo de direita e seus sequazes moviam contra os chamados “cristãos progressistas”.

IMPULSO – O senhor atuou com Dom Paulo Evaristo Arns? Como foi trabalhar com Dom Paulo?

Nunca escrevi algo especificamente sobre Dom Paulo Evaristo Arns, mas muito conversei com ele e sobre ele e muito aprendi com sua vida e ensinamentos e feitos. Como professor do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião, tive ocasião de orientar uma tese que abordou os direitos humanos na sua ação pastoral, livro já publicado pelo aluno e pesquisador Jorge Miklos. Minha atuação com ele se deu enquanto era assessor da Comissão Justiça e Paz fundada e incrementada por ele. Trabalhar com Dom Paulo foi uma dádiva na minha vida.

IMPULSO – O senhor tem uma longa trajetória como professor de ética. Qual a relação entre a disciplina ética e os Direitos Humanos?

Fui muitos anos professor de Ética. Íntima e imprescindível é a relação entre a disciplina da ética e os direitos humanos, pois as duas coisas são inseparáveis. Os conceitos e debates em torno da ética não deixam de ser fundamentos para a concepção de direitos humanos.

IMPULSO – Qual a importância da Teologia da Libertação para os Direitos Humanos?

A Teologia da Libertação, trabalhada profundamente pelo teólogo e filósofo Leonardo Boff, é fonte e suporte dos Direitos Humanos.

IMPULSO – Neste ano comemoram-se os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em sua avaliação, qual a importância desse documento?

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, que já completa 70 anos, em seus 30 artigos, foi e é de fundamental importância, pois proclama que o reconhecimento da dignidade frente a todos os membros da família humana e dos seus direitos e regras inaliená-

veis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.

IMPULSO – Quais os desafios de hoje para o campo dos Direitos Humanos?

Hoje, continuam desafiando os direitos humanos a profunda desigualdade social, a situação de penúria e desproteção dos mais pobres.

IMPULSO – Como o senhor entende os ataques que parte da própria população brasileira faz contra o exercício e a difusão dos Direitos Humanos?

Os Direitos Humanos são muitas vezes criticados e atacados pelo segmento dominante da população, eis que se veem ameaçados em seus privilégios, e combatem tudo o que lhes parece pôr em risco a acomodação.

IMPULSO – Como podemos contribuir para que os Direitos Humanos sejam entendidos, respeitados e colocados em prática? Estamos muito longe de uma consciência mais humana?

Como integrante de um corpo docente, acredito que a educação em todos os campos é a seara mais fértil e apropriada para uma eficaz contribuição para que os direitos humanos sejam entendidos, respeitados e colocados em prática. Infelizmente, sua compreensão, seu reconhecimento e observância universal e efetiva, seja entre os povos dos Estados, membros da ONU, seja entre os povos dos territórios sob sua sustentação, ainda exigem uma longa caminhada. A Declaração já é um documento traduzido em quase todas as línguas. O site oficial da Declaração informa a existência de 403 traduções disponíveis. Embora recentes, os ideais e valores dos Direitos Humanos contêm traços da história antiga e das crenças religiosas e culturais no mundo.